

Luta contra o Racismo

- ideário em construção -

ciais, fica pasteurizado na cultura dominante, nos conteúdos e práticas educativas, nos hábitos cotidianos e no 'jeito de ser' que da sustentação ao mito.

A população negra não tem sido reconhecida como interlocutora para desenvolver uma política de igualdade. A agenda que está posta no bojo da Conferência Mundial contra o Racismo atinge quase metade da população brasileira (segundo o IBGE em 1991 48% da população era preta ou parda), mas grande parte desta população não está informada a respeito deste processo de discussão, e muito menos identificada com os conteúdos a serem debatidos.

Transformar essa realidade requer mais do que a democratização do ensino e do acesso ao emprego. É preciso que o Brasil viva uma espécie de revolução cultural que atinja a população brasileira em todo seu colírio racial e étnico, para deslocar-se do lugar da hegemonia branca para "um arranjo político, econômico e cultural mais plural, democrático e moderno", usando de forma um tanto livre a frase de Osmundo Pinho.

Se os movimentos sociais podem ser uma vanguarda disposta a tomar para si esta questão, formando alianças na linha pós-moderna, nós feministas estamos neste barco, dispostos a contribuir para a radicalidade dessa construção.

(Veja box na página 2).

este 8 de março, Dia Internacional da Mulher, a discussão da questão racial no Brasil está entre as prioridades da AMB. Não poderia ser diferente, pois acelerar-se o processo preparativo para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância (África do Sul/ 31-08 a 7-09 de 2001).

O movimento feminista nacional e internacional dialoga com a sociedade a partir da crítica ao sexismo e à discriminação contra as mulheres. Entretanto, parte da 'informação genética' que da forma a nosso discurso é a rejeição a todo e qualquer tipo de discriminação. Embora falte uma ação política mais efetiva, o movimento feminista também tem problematizado a respeito dos efeitos perversos e 'destituídos' de dignidade humana que o racismo, a homofobia e outras formas de discriminação têm sobre seres humanos.

O processo preparatório desta Conferência faz emergir o despreparo do movimento feminista para enfrentar um debate mais aprofundado sobre a questão racial. Já no 3º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe (Bertioga/ 1985), se enfatizava a necessidade de refletir sobre identidade racial e os preconceitos identificados em nossas posturas e ações. Lá se vão 16 anos, e pouco progredimos nessa matéria. Mas este atraso não é exclusivo das feministas, ou do movimento de mulheres como um todo. Ele está presente na sociedade brasileira de forma geral e atinge em cheio personagens importantes da luta pelos direitos humanos e pela democracia.

No Brasil, atos de preconceito racial são considerados crimes inatringíveis e imprescritíveis. Mas isto não tem sido suficiente para mudar padrões culturais. Embora esteja ruindo o mito da democracia racial brasileira, este é um processo lento que somente avança por força dos movimentos negros organizados, de intelectuais e artistas cuja produção enfoca esta questão, de grupos culturais ou religiosos das periferias, resistindo para manter viva sua identidade. Sem falar das comunidades remanescentes dos quilombos, lutando pelo reconhecimento de seus territórios. São atores e atrizes que vêm esmiuçando as raízes da exclusão, e demonstrando que o componente racial, presente nas desigualdades econômicas e so-

Mulheres negras em dados

co e uma mulher negra no Brasil.

● As mulheres negras empregadas ganham em média metade do que ganham as mulheres brancas.

● O rendimento médio nacional entre negros e brancos, em salários em média meta-

de do que ganham as mulheres brancas. Trabalho e da Justiça na publicação "Brasil, gênero e raça". Afirma: <http://www.afirma.inf.br/politica.html>

● 79,4% da população ocupa-

da que realiza trabalhos manuais (considerados mais vulneráveis) são mulheres negras. Destas, 51% estão no emprego doméstico e 28,4% são lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes. As mulheres negras representam 2,2% dos empregos de secretária e recepcionista.

● 49% das mulheres negras e 46,9% das pardas têm carteira assinada; entre as mulheres brancas este índice é de 60,6%.

● As mulheres negras têm 25% menos chance de chegar aos 75 anos do que as mulheres brancas.

racismo explica uma di-

mensação importante da desigualdade baseada em questões culturais, de preconceitos, dificuldade de conviver de forma harmoniosa e não hierárquica com o outro, e com a outra, que são diferentes. Ser mulher e ser negra significa conviver com a combinação de duas discriminações: a racial e a de gênero. Esta combinação, historicamente, constituiu uma identidade da mulher negra que tem efeitos bem mais complexos do que apenas colocá-la numa posição desfavorável na escala social.

Não existem dados adequados, ou suficientes para demonstrar estatisticamente este quadro. Trabalho recente, como por exemplo o de Marcelo Paixão e Wania Sant'Anna da Fase (<http://www.fase.org.br>), têm buscado interpretar dados estatísticos oficiais, para compor o retrato desta desigualdade. A AMB está produzindo um dossiê onde reunirá alguns desses dados. Este dossiê será lançado na data de 21 de março, Dia Internacional contra a Discriminação Racial. A seguir, uma pequena amostra:

● 295% é a diferença entre o salário médio de um homem bran-

No Fórum Social Mundial não foi diferente

No Fórum Social Mundial (FSM-Porto Alegre/janeiro de 2001), as questões raciais ficaram relegadas a um segundo plano, com pouco espaço nas grandes conferências. Conforme afirma o militante Fernando Moreira, em entrevista à página eletrônica Afirma, "não se pode discutir alternativas para o neoliberalismo sem discutir a situação da população negra na África e na diáspora americana". Entidades e lideranças negras protestaram, e redigiram um documento lido na plenária final. O militante informou ainda que organizações do movimento negro no Brasil formaram um Comitê Afro, como iniciativa de resistência contra esta invisibilidade: "Nós já temos um representante dos movimentos negros na comissão que discute o próximo FSM, o que não aconteceu nesta primeira edição. A nossa perspectiva é de que os movimentos negros e africanos sejam visibilizados de forma mais digna e mais justa, de acordo com a importância de sua situação". Este Comitê pretende, além de influenciar na organização do FSM 2002, intervir na Conferência Mundial contra o Racismo. (<http://www.afirma.inf.br/politica.html>)

Notícias

● O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher estará veiculando, no mês de março, uma campanha com o slogan "Depois de um século de lutas chegou a hora de igualdade". Foram produzidos cartazes e uma mensagem para televisão, que será exibida no dia 8 de março e no dia 21 de março, Dia Internacional contra a Discriminação Racial. Nesta data o slogan será modificado para "Depois de um século de lutas chegou a hora de um século de igualdade racial".

● A AMB está planejando, em parceria com o Observatório da Cidadania, atividades relacionadas à Conferência Mundial contra o Racismo. A principal delas deverá ser um seminário nacional, logo após o PrepCom de Genebra. Com participação de personalidades internacionais, a ideia é fazer um balanço dos debates e do processo até a Segunda Sessão do Comitê Preparatório (PrepCom - Genebra/21-05 a 1-06). Será uma oportunidade para discutir sobre direitos humanos e a questão racial no Brasil e no mundo.

● Novas organizações ou redes brasileiras de mulheres, até o momento, estão inscritas na Conferência Mundial contra o Racismo: Cemina, Ctema, Criola, ETLBKKO, Fala Preta, Geledes, Maria Mulher, Redeh e Redesau-de. Ao todo são 19 organizações não governamentais brasileiras inscritas.